ERRAR A PALAVRA, EXERCITAR O SILÊNCIO, OU, TALVEZ, O QUE DELE PODE ESCAPAR?

¿ERRAR LA PALABRA, EJERCITAR EL SILENCIO, O, TALVEZ, LO QUÉ PUEDE ESCAPAR DE ELLE?

Ronaldo Luis Campello¹ Ursula Silva da Rosa²

Resumo: Este texto foi escrito enquanto mestrando em Artes Visuais, em 2018, mestrado que foi realizado no programa de pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas — UFPEL e traz a necessidade de pensar a escrita como um exercício de escuta, de resistência. De formação. Errar a palavra e torná-la outra. Um cuidado, ou talvez pensar o que pode escapar do silêncio? O silêncio antecessor ao verbo, ao se quis dizer ao pensar a pensar a palavra. Neste sentido, escrever é um cuidado, de si de outros. Pensadores pós-estruturalista como Deleuze; Guattari, e outros surgem para sustentar a proposta de método, e Foucault para ajudar a pensar alguns conceitos que surgem nesta escrita.

Palavras chave: Formação; escrita; cartografia; caminhar; silêncio.

Resumen: Este texto fue escrito mientras cursaba la maestría en Artes Visuales en 2018, maestría que se realizó en el programa de posgrado de la Maestría en Artes Visuales de la Universidad Federal de Pelotas - UFPEL y trae la necesidad de pensar en la escritura como un ejercicio de escucha, de resistencia. Formación. Perder la palabra y convertirla en otra. ¿Un cuidado, o quizás pensando en qué se puede escapar del silencio? El silencio antecesor del verbo, cuando significa pensar al pensar la palabra. En este sentido, escribir es un cuidado por los demás. Pensadores pos estructuralista como Deleuze; Guattari y otros parecen apoyar el método propuesto, y Foucault para ayudar a pensar sobre algunos conceptos que aparecen en este escrito

Palabras clave: Formación; escritura; cartografía; caminar; silencio.

Algumas pegadas a serem seguidas, por si próprio ou outros...

Este texto, este tecido-texto surge de um palimpsesto e é importante que você saiba, pois, dele busco uma escrita antes. Uma escrita da qual trago linhas que escapam e vou tricotando, tramando, tecendo assim como tece a aranha teias, fios dos quais faz sua morada.

Aqui vou tecendo tessituras novas a partir de uma escrita que escapou de outra, de outra pesquisa que parte de uma atividade docente que se tornou projeto de extensão/pesquisa e que resultou em uma dissertação, uma proposta de *prática pedagógica menor* que se debruça sobre um método de escrita muito antiga, cartas epistolares.

O que busco ao experimentar este novo-antigo texto escrito enquanto mestrando em Artes Visuais em 2018, mestrado que foi realizado no programa de pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas — UFPEL e traz a necessidade de pensar a escrita como um exercício de escuta, de resistência. De formação. Errar a palavra e torná-la outra. Um cuidado, ou talvez pensar o que pode escapar do silêncio? O silêncio antecessor ao verbo, ao se quis dizer ao pensar a palavra. Neste sentido, escrever é um cuidado, de si de outros...

¹ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

² Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Penso sobre formação quando escrevo sobre tal processo, sobre os encontros e os atravessamentos produzidos em mim. Escrever é estar em outros lugares, é mover-se em meio à... É experimentar, e o que busco neste novo-antigo texto é dar margem a uma escrita estética que de conta de suportar alguns conceitos que preciso para pensar antes de tudo, meu professorado.

Ao experimentar este tecido-texto que busca operar um método, articulando uma escrita cartográfica, que pensa os processos de formação de um professor-pesquisador-poeta-andarilho que têm no uso deste fazer, a escrita, instrumentos para vir a ser... Estar em devir, e que busca escapar pelas frestas das palavras, resistir nas fissuras que provoca em sua docência e que anda as margens de um caminho que faz só, em solidão, mas que por vezes traz companhias e busca, deste modo uma estética nova a uma escrita sua já gasta, quiçá oca, mas que ainda lhe inquieta, e questiona ao criar a palavra: O que precisa para sair do silêncio? Quais lugares novos ou antigos ocupa? Ou onde se encontra o ruído de sua escrita? Quais lugares que já tenha caminhado, já tenha estado – de vazio; de névoas; de sublime – antes são potentes para pensar sua docência?

Surgem na escritura deste texto autores pós-estruturalista dos quais irei me servir para sustentar a proposta de método, também de alguns conceitos que precisarei neste trabalho, experiências produzidas a partir do escrever.

Antecipo-lhe que não tenho ainda uma pergunta para responder, não há nenhuma questão, ainda tão potente, que possa dizer que seja a que me move a problematizar este trabalho, são várias 'inquietações', e, talvez algumas sejam, mas outras provavelmente não, perguntas norteadoras as quais vou usando para mover-me em meio a este texto. Isso é resultado dos atravessamos que irão perquirir esta escrita. Existirão perguntas sem respostas, muitas as quais sigo perseguindo tal como poeira perseguindo o vento, pois ando neste momento por caminhos que não são mais os mesmos, por desertos onde as estrelas são outras, pois mesmo que se volte por um mesmo caminho inúmeras vezes ele sempre será novo, pois sempre existirão novos cheiros, novas paisagens, novas texturas que deixamos escapar, um novo paladar, "al caminate se dan a mil otras percepiciones que no son ya sola mente visuales" (LE BRETON, 2014, p. 15), pois sempre existirão novas perguntas sobre um mesmo tema, que como fratura, irá estar sempre lá nos lembrando da queda. Há sempre uma nova pergunta a ser feita, pois uma ou algo escapou... Ficou no entre.

Por que caminhar? O deserto, a escrita, notas: A cartografia de um andarilho...

O caminhar este prosaico gesto, é um abrir-se a percepção, "el caminar es uma apertura al mundo um rodeo para reencontrarse com uno mismo (LE BRETON, 2011, p. 15). O caminhar é algo que fazemos sós, mas se quisermos, pode haver companhia, podemos escolhê-las ou sermos escolhidos. Andar nos põe em movimento, nos põe em força contra a inércia, nos põe em contato com paisagens que podem ser já conhecidas, ou não. Podemos, quem sabe, deixar migalhas de pão pelo caminho, ou quem sabe pedrinhas de inúmeros tamanhos, ou o que nas nossas memórias não nos reconforta mais. O que importa? Penso que o que é realmente importante é o caminho... a maneira como voltamos um dia por ele, e o modo como o trilhamos novamente. O que aprendemos no percurso, pois sempre que retornamos nele somos outros... Importa, sim, o movimento, o ir e vir. O andar descalço com os pés nus que tocam o solo árido do deserto, "caminar, restituye en el hombre el feliz sentimiento de su existencia. Los umerge en una forma activa de meditación que requiere una sensorialidad plena (LE BRETON, 2011, p. 15), requer uma escuta, deste modo escute o silêncio em seus passos, espessa nascente de reflexão. Ponha-se em marcha, olhe com olhos de poeta o caminho que se faz mesmo um caminho já antigo. Regozije-se no silêncio desta experiência e sinta o viajar, a caminhada...

Viaje, caminhe comigo com os pés nus. Ande no deserto árido que ando em busca de algumas poucas respostas, procure comigo um oásis, pois, o deserto é vasto e nos ocupa por

inteiro. Revigore-se em meio aos jardins que surgem em meio à aridez de onde colho matéria para criar, onde surgem fontes de límpidas águas e de cor e flor vivaz preenchendo este deserto assaz permitindo passar o nômade tenaz os caminhos no solo [na pele] rasgando-se, serpenteando como serpenteiam os ventos que escapam e tocam e dançam com a areia e com o silêncio, provocando ruídos que dilaceram a pele do deserto em sulcos.

Meus olhos, tão acostumados com o que está posto diante deles necessitam, não raro, de outras paisagens; andarilhar por outras terras, outros caminhos, ainda que sejam as mesmas terras, os mesmos caminhos que meus pés nus pisam todos os dias...

Exploro este caminho-texto conectado pelo conceito de viagem, e caminhar, e formação, a partir da escrita, do fruir e de maneira a operar um método cartográfico, estabelecendo conexões na construção do fazer docente, à medida que vivenciamos juntamente conhecimentos como aproximação de forma desprovida à experiência, o encontro, ou seja, esta tende a ser o resultado da relação com uma palavra de certo tipo; assim, uma palavra possui a capacidade de transformar a sensibilidade com que o leitor percebe a vida. Ler encarna um perigo e outra prática: Escrever. A escrita é o silêncio da palavra. As reticências o silêncio da escrita...

A caminhada como processo de formação, onde esta nos oferece uma concepção poética de assuntos que se relacionam com a experiência estética e como essa prática se desenvolve em cada pessoa, uma conexão entre uma caminhada exterior e a outra interior que, ao mesmo tempo, conserva uma formação de consciência e sensibilidade (LARROSA, 2015), alcançando, deste modo, um experiência formativa que se erga desde o sensível e seja orientada desde aspectos estéticos, "em torno do texto como palavra *emplazada* – quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum –, articula-se de uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar emplazados pelo que é comum" (LARROSA, 2015, p. 143), a experiência é "algo que nos atravessa" (LARROSA, 2015), "encontro", pois este acontece com a leitura, com a própria escrita, com algo que nos toca como o próprio vento, o chão árido, as areias ou o oásis que nos regozija...

A cada nova caminhada que se empenha a caminhar o andante, mesmo que as sendas sejam antigas é nova, pois sempre há de existir um novo aroma a se sentir, uma nova condensação de água em formação que não estava posta lá, provocando deste modo, novos ou antigos sentidos. As resistências e atrito do andar ao tocar o solo no trajeto provocam impactos que o impulsiona a seguir em frente.

Ao estar aqui lendo este texto, peço que antes de tudo que deixe seus pés e espírito nus; encha bem os pulmões de ar, respire fundo e solte-o devagar, deixe seu espírito livre de pesares e de fardos e temores e de dúvidas que possam atrapalhar a caminhada... Caminhada? Sim uma caminhada, na qual lhe envolvo[i], por entre linhas de pensamento que tento expressar neste deserto árido que se apresenta...

Caminhar acalma o espírito e nos faz encontrar com nós mesmos. Mas, é preciso deixar a pressa e afazeres de lado por alguns momentos, "anacrónico em el mundo conteporáneo, que privilegia la velocidad, la utilidad, la eficácia, la caminata es um acto de resistência que priveligia al lentitud, el silencio, la curiosidad" (LE BRETON, 2014, p. 14), portanto, peço também quem sabe, que deixe suas certezas e palavras feias e gastas, sua linguagem envelhecida e habitual, com a qual nos referimos a nós mesmos, aos outros, e ao que pensamos saber em outro lugar que não seja este que ocupamos agora eu e você... Este palimpsesto.

Deixo rastros quando escrevo, assim como quando caminho. Caminhar e escrever então são sinônimos? Escrevo para não esquecer, caminho para lembrar-se do que escrever. Resisto no entre.

Extenuado? Eis que o caminho tem se mostrado mais penoso ao passo que avançamos, percebo que ele se estende por uma faixa longa... Se quiser podemos retornar, pois nosso oásis está distante, se é que existe algum. Ir em frente é o que faremos. Sou grato por sua companhia. Em breve encontraremos alguém que nos dê um caminho seguro a percorrer... Seguimos então...

O que pode escapar do silêncio?

Escrever possui uma afinidade, um parentesco, semelhança um avizinhar-se com oscilações, movimentos, com ondas, sopros de ar, é como areia no deserto bailando, perseguindo o vento, escrever é agenciamento, pois transforma pensamento em palavra dita, e dá corpo ao que é incorpóreo, corporifica o que faz furos na pele, e inquieta desenhando linhas, mostrando e criando a partir da multiplicidade, "a multiplicidade é a própria realidade não supondo assim nenhuma unidade, não entrando em nenhuma totalidade e tampouco remetendo a um sujeito" (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 08), escrever dá a ver o que a cartografia do pensamento se faz no plano das ideias, nas regiões ainda por vir.

Escrever é excitar uma criatividade. É encontro: interno e intenso. É devir, sempre por se fazer (DELEUZE, 1995). Escrever é *des*construção que ocorre de maneira singular. Construção que se faz de forma sutil, nos *re*construindo com mais ou menos potência na experiência de experimentar este processo. É movimento que revela pistas, deixam rastros, pegadas pelos quais podemos seguir ou não, são rotas de fuga construídas com ou sem intenções de por ali retornar. "Escreve-se lendo, sobre uma mesa cheia de livros. E entre ler e escrever, às vezes, acontece algo, acontece algo conosco. Talvez isso que chamamos de 'pensar' seja a experiência desse 'entre' (LARROSA, 2014, p. 139). O pensar é questão intrínseca, encruada no ato de se produzir a escrita. "Pensar [...] é um ato perigoso" (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 58) Escrever a partir de um palimpsesto é ainda tão ou mais arriscado, pois é preciso mover o pensamento, deslocar-se, extrair e fazer partir as massas de ar poluídas e trazer as limpas é como deixar fluir as águas turvas em um córrego barrento, não fazer barragens, um palimpsesto é retornar a uma ideia antiga e nela acrescer algo que ficou no entre, no vazio e que não se fez palavra... A *re*escrita de um texto é tão arriscada quanto cavalgar um corcel. É como sair em caminhada em deserto salino vago e fulgente, fugaz de um cândido e branco esplendor, tão lindo e perigoso quanto mortal.

Existem processos, ritos, formalidades ao formar as primeiras linhas, os primeiros parágrafos, processos aos quais se produzem e aparecem no silêncio e que antes é preciso ruminá-los, aceitá-los e dar-lhes luz, dar carne ao verbo, permitir que encontrem som na voz, na palavra úmida que deixa prenhe os pulmões, que faz corpo e se faz sentir, que cria oscilações, cria o pensar. Escrever acontece a partir do encontro de energias que se tece com a leitura, com os corpos, com atravessamentos, encontros com nós mesmos, com os outros. Escrever parece simples, mas, não é. Pode-se dizer que é um esforço colossal.

É dos lapsos cruéis de realidade que busco escapar, e na procela herética da palavra-poesia cavalgar tropéis pueris de palavras-cambaleantes tendo abaixo dos véus de meus olhos poeira e vento que transcendem em uma artesania, de fazer-ser, aguçar, sentir e buscar alcançar no febril verbo notas dissonantes que escapam em um vir a ser desterritorializando processos micropolíticos impulsionando um corpo que oscila em uma palavra-poesia, um professorado e um estado de arte. Um cuidado de si talvez? Um fazer-ser professor-pesquisador-poeta-andarilho, que anda as margens de uma educação maior, com sinais possíveis de uma prática menor, catando tudo que serve, ou pode servir para descolonizar um pensamento-escravo, submisso a ditos e não ditos, que se escondem nas capilaridades do aprender. O aprender é uma arte "que consiste em um processo a ser incessantemente recomeçado" (DELEUZE, 2005, p. 1184).

Por onde caminhar em meio ao caos que agora desenho com o sangue que inunda as palmas de minhas mãos? Por onde esgueirar-me se no silêncio que ocupo os ruídos de minha escrita escapam, pois, precisaras saber que apaguei todas as trilhas que havia construído com os signos de minha escuta e verbo que me habitam e criam palavra...

Deles o que me habita são poucos sonhos... Até mesmo as pegadas não as tenho mais... O deserto fechou suas portas e dele não colho mais seus aromas, somente o sol me brinda as

faces impondo-me que ande com os ombros curvados procurando alguma trilha, uma fugidia visão, uma febre...

Não busco na homeopatia das ervas a cura, mas em seus vapores deixar este plano, tomar distância e observar, como o pássaro que do alto me reprimi, o platô por onde me perco.

Ouça!

[...]

Sim, ouça o vazio cavalgar a ímpia tempestade que verga os carvalhos que tocam os céus... É ali neste vazio, no entre que o ruído de minha escrita escapa, e dele o que faço é temperar a febre que arde em meus pulmões... É desejo de tecer textos, tramar teias, tecidos, trair, decepcionar, pois a decepção é uma troca, ela nunca é só. São como linhas aferentes e eferentes que correm em via de mão dupla. Só há entrega quando esta é recíproca e escrever é uma entrega.

O oleiro quando conforma-artefaz suas peças, não sabe exatamente como ela irá ficar, sabe sim de antemão, como manusear o barro, a velocidade que empregar ao seu torno, a quantidade de barro... Assim como oleiro, para o poeta, a palavra tem outro signo, e ao permitir passagem o escrever é "atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor" (DELEUZE e GUATTARI 1998, p. 21), é outro tipo de manusear a pena, o vocabulário adquire outra constelação, outras singularidades e a escrita é como algo que ainda não se concluiu. Há outros jeitos de se lidar com ela. Ao usar, ao querer usar este barro úmido, que é como palavra, e damos novos sentidos, signos; abrimos caminhos novos, sensações. Ela se veste de outros timbres, torna-se opaca, fulgurante, nua como a verdade, tem odores distintos, outro paladar que não é igual ao seu... A escrita encontra cada um de nós em uma velocidade distinta... Tiramnos as máscaras da ignorância que constroem muros, prisões que nos aprisiona em um verbo falacioso em nome de outrem, é preciso então retirá-las, pois atrás destas existirão outras, que precisam ser removidas, uma a uma, para escaparmos do habitual; de modo a nos constituir distintos buscando nos encontrar em um novo lugar.

Escrever abre-nos fissuras na pele, rasga-nos a carne, cria procelas ou simplesmente nos passa como uma suave brisa, nos provoca quedas, fraturas... Pensar dói. Faz-nos retirar chaves de um claviculário e abrimos ou fechamos portas que queremos abrir ou cerrar... É "encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade, ou de indiferenciação, tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula" (DELEUZE, 1997, p. 11), escrevo para pegar estas chaves, pois escrever é afeto é desejo de querer expressar-se através da palavra, através do verbo, tão necessário quanto tentar descobrir: para quem escrever? Ou, o que me lança neste processo, "fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida" (LISPECTOR, 1999, p. 58) e desta vida extrair espantos.

Recorrer às ruínas de minhas memórias para pensar sobre escrita é abrir o chão sob meus pés. É buscar compreender antes a leitura. "A leitura é um jogo que se joga em solidão e em silêncio" (LARROSA, 2015, p. 111), ler envolve o tocar, sentir, perceber, demorar, durar; envolve acalmar espíritos inquietos e deles obter dos ruídos que se faz no tropel de seus cascos, melodia, na leitura é onde apanho pedaços que sobram de outras literaturas, histórias, falácias e sopros de vontade, e o que escapa deste silêncio, produzindo deste modo ruídos, e destes ruídos o que fica é escrita, e modifica o que antes era silêncio e agora é palavra. Agora a palavra toma vida, cria corpo. O que antes não existia e estava em silêncio, agora busca espantar-se.

Percorrer as ruínas de minha memória para organizar o caos instaurado em minhas lembranças e buscar a solidão de minha consciência para compor/agenciar, pois "as palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou anos soar irremediavelmente falsas e vazias" (LARROSA, 2015 p. 07). Escrever é uma provocação, uma afronta que gera encontros, "minha escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos. Minha solidão está povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias,

76

acontecimentos e imagens" (PÉREZ, 2003, p. 01). Busco essa solidão para encontrar-me com outros que me habitam, transitam, agenciam-se em mim e por entre mim; que estão no sangue de minhas veias, no suor de minha pele, nas rugas de minhas faces, nas formas sensíveis de sentir como sinto a brisa que me toca. "Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu" (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16), um 'eu' singular e tão particular que se oculta sob véus de matizes distintas.

A escrita tece traços particulares que encarna outros sujeitos e fortalece os músculos do pensar. Aquieta. Entorpece como os vapores. Há experimentação em minha escrita, atravessamentos, do que sou, do que fui, de devir-escritor, não escrevo com desejo de ser escritor, mas com o desejo que tem um escritor de escrever. Há experimentação na sua escrita? Sim te pergunto, pois há de se levar em conta o desejo durante a preparação, a escolha dos recursos que serão utilizados, no método que será empregado, no modo como será apreendida, sentida... São agenciamentos que se enunciam, e se produzem em um ciclo.

Um nosce te ipsum.

Pensar a escrita encarna outros tons e reverbera outras notas quando é percebida como processo de formação que nos auxilia, possibilita inventar modos de existir, fictícios ou não. No ato de escrita que decorre de um encontro, deriva sentir as forças que nos arrastam, nos repelem, cegam ou retiram véus, emudecem ou nos pedem expressão. Nesse processo há a efetiva formação que ocorre enquanto tais caminhos são percorridos, "para aprender de verdad algo hay que hacerse presente em el aprender: em su marcha y em su dificultad. Hay que exponerse. Viajar a pie, no desde las alturas. Concentrar todos los sentidos em el camino que se recorre" (BÁRCENA, 2012, p. 49). Conduzir a nau no mar agitado das palavras e ser conduzido por ele, navegar sem bússola, guiado por estrelas em noite de tempestade, pensar, por exemplo, "la educación desde diferentes perspectivas y lenguajes", (BÁRCENA, 2012, p. 66) pois, ao tratar da escrita como processo de formação em educação nos constituímos e somos interpelados pelas forças que habitam os acontecimentos. Um acontecimento como experiência pode nos colocar em contato conosco na medida em que cancela a linguagem envelhecida e habituada, com a qual nos referimos a nós mesmos. A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a uma experiência que abre o tempo, que o destempera: experiência que carrega em si um acontecimento.

Há silêncio na escrita quando as palavras se calam, é preciso saber ouvir esse silêncio, "um cierto silencio. Pero un silencio que tiene que ver más bien con el acallamemiento de un lenguaje inservible o, mejor, con la renuncia a un lenguaje envilecido" (LARROSA, 2003, p. 338). Imbricado no processo de formação, o silêncio ocorre quando estamos encanecidos, imersos no vazio de nossos casulos e não *re*vemos nossas práticas, não *re*pensamos nossos encontros, os quais nos atravessam diariamente, acontecimentos que passeiam entre as sombras que deixamos escapar como matéria de formação. "O acontecimento é o que chega o que vem de surpresa e não se pode; prever ou antecipar; é o que rompe e rasga a continuidade de uma determinada experiência do tempo" (BÁRCENA, 2012, p. 69). Um silêncio que não busca comentários, nem definições, mas sim durar na plena forma que adquire: Adequado, possível que faz residência numa palavra dilapidada, oca que tenta ser outra convulsionando metáforas, uma palavra que escapa em ecos. Um silêncio que advém da utopia da expressão e se aventura e permanece nos perímetros do suportável.

Escrever encarna outro perigo e outra prática: ler. Ler as palavras, o mundo, os signos e a nós mesmos. Nos processos de formação não podemos precisar se a escrita ou a leitura impele ou acolhe um acontecimento. Ambas fazem parte desse processo que, na cartografia, funciona rizomaticamente. A escrita cria linhas, pegadas de mundos visitados que deixamos para marcar

-

³ "El acontecimiento es lo que llega, lo que viene por sorpresa y no se puede anticipar, ni planificar; es lo que irrumpe y rasga la continuidad de una determinada experiencia del tiempo".

nosso retorno à razão ou ao delírio. A escrita encarna outros personagens, outras criaturas, que nos povoam e dão formas ao pensamento e nos levam além de onde fomos, (DELEUZE e GUATTARI, 2005). Como já disse, a escrita abre sulcos e cria rugas em nossa pele. Cria platôs por onde nos movemos, por onde criamos jardins movediços que se movimentam centímetro a centímetro, toda vez que plantamos uma palavra. Deleuze (1992, p. 176) diz que "o ato de escrever não tem outra motivação que não a de dar vida, de liberar a vida onde está aprisionada", deixar escapar desejos assim como deixamos escapar da caixa o que nela estava preso, e que somente restou em meio às raízes o que nos potencializa ser o que somos...

Não há escrita que esteja completamente concluída, sempre existirão reticências, verbos que poderão complementá-la, alterá-la, enriquecê-la, é um devir-escrever. Escrever autoriza a instruir-se com o próprio pensamento. "Escreve-se para se tornar alguma coisa, um perigo" (TERRA, 2012, p. 07). A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento, "ao imergir em páginas e páginas de leitura, abrem-se possibilidades de um caudal de pensamentos que nunca se sabe onde vai dar. A esses modos relacionam-se questões para pensar em formação". (CAMARGO, 2010, p. 14). "Escrever é, pois 'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro" (FOUCAULT, 1992, p. 136).

A escrita pode ser uma forma de oferecer trânsito a uma experiência que abre o tempo, que o destempera: experiência que carrega em si um acontecimento. A construção do pensamento pela palavra expressa gesto e movimento. Isso significa que algo nos acontece. O aprender, a experiência e o acontecimento, neste sentido, são indissociáveis e nos implicam a pensar sobre formação sobre uma perspectiva de um vir a ser experienciando os encontros que lhe atravessam de um modo onde o apreender seja sentido, toque, olhar aguçado.

De nada serve escrever se esta escrita não fortalece a *des*construção para uma nova construção, de nada serve se ela não desterritorializa. "Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro" (HAESBAERT *et al.*, 2015, p. 09). Há de existir uma escrita que se afete por aquilo que nos passa, por aquilo que a própria escrita proporciona, é necessário um novo observar, um olhar forasteiro sobre o objeto observado, mesmo que isso não seja fácil de produzir, mesmo que o objeto sejamos nós.

Uma parada...

Enfim o sol se põe e nos convida a parar, encontrar um local seguro e descansar. É neste momento em que as reflexões da caminhada se fazem e novas ou antigas decisões são tomadas. Ao seguir esta jornada eu e você encontramos em nossa caminhada alguns amigos, uns meus, outros seus, alguns outros estranhos a nós que nos deram pistas de quais caminhos seguir. O trajeto foi árduo [aos dois], e por alguns momentos lentos, por vezes velozes. Foi preciso algumas vezes parar e respirar fundo e pensar se seguiríamos em frente ou se iríamos abandonar a caminhada, pois havia obstáculos de inúmeros calibres. Felizmente superados.

Nesse texto a proposta da caminhada surge para nos remeter, por exemplo, aos modos, processos de composição escrita. Assim como na caminhada este prosaico gesto, a escrita adquire o mesmo timbre e ressoa às mesmas naves. Pois, em ambos, existe o entre. No caminhar e no escrever processos de composição se fazem: a respiração, o relaxar o corpo, a velocidade – ritmo – a se empregar, o percurso escolhido, as paradas, o observar, sentir, durar... A escrita não é definida e segura, é sempre um risco, tal como, caminhos quando nos pomos em marcha.

Busco nesta pesquisa um devir-professor construído a partir de uma artesania da escrita, um perfazimento de signos que constituem e criam um si... que brota do interior de algo que é potente. Uma artesania de signos, um apropriar-se da textura do papel, do formato das letras,

da pena, da tecla, um compreender as dimensões abissais que se constroem nos limites da página, das fronteiras do aprender, um ir e vir como faz um professor, um guerrilheiro, que "resiste, observa de que maneiras fortalezas estão implantadas, perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto, um experimentar o tatear..." (DROIT, 2006, p. 69-70) o saber usar, o impregnar-se do signo e com ele/dele dar-criar sentido a uma prática menor que escapa impulsionando um corpo-professor que arfa, com o peito doido em uma palavra-poesia, um professorado que busca um estado de arte.

Ao escrever este texto, ao fazer esta nova caminhada por um caminho já percorrido, ao ir apagando e *re*escrevendo esta escrita, fui lentamente desvelando numerosos temas, ocultando outros, não percebendo que alguns fugiram, e ao passo que ia caminhando, um pouco por vez, e mesmo quando parava às margens do caminho [no entre] e analisava, e por vezes conseguia me elevar, e do alto observar que nesta caminhada houve resistências, aproximações de movimentos distintos, de um olhar sensível. Movimentos que se fazem nos lapsos. Uma educação feita de escolhas. Um cuidado de si talvez?

Referências

BÁRCENA, F. *El aprendiz eterno*. Filosofía, educación y el arte de vivir. Madrid: Miño y Dávila editores, 2012.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de (Org.); SANTOS, Vivian Carla dos (Colab.) *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

DELEUZE, G. Crítica e Clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. Proust et lessignes. Paris: PUF/Quadrige, 1998.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. O que é a filosofia? Rio de janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DROIT, Roger-Pol. *Michel Foucault:* Entrevistas. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In:* FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Veja, 1992. p. 129-160.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan./fev./mar./abr. 2003, n. 19.

LARROSA, Jorge Bondía. *Pedagogia profana:* danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, 5. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

79

LE BRETON, David. *Elogio del Caminar*. Madri: Siruela, 2011. Biblioteca de Ensayo Siruela.

LE BRETON, David. *Caminar*: Elogio de los caminos y de la lentitud. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2014.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PÉREZ, C. L. V. *Imagens Caleidoscópicas:* as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL: AS REDES DE CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA: IMAGENS E CIDADANIA, 2. Rio de Janeiro, 2003.

TERRA, Marina Furtado. *Espaço e educação:* cartografia de singularidades em um bairro de Juiz de Fora – MG. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.

Sobre os autores

Ronaldo Luis Goulart Campello. Mestre em educação e Tecnologia pelo Instituto Federal Sul Riograndese – IFSUL, Mestrando em Artes Visuais - Centro de Artes - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, pai, poeta e professor no magistério municipal e estadual. *E-mail:* ronaldo.campello@hotmail.com.

Ursula Silva da Rosa. Professora Dr.^a no Programa de pós-graduação do Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, é líder do grupo de pesquisa Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória (CNPq/UFPel), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade.

E-mail: ursularsilva@gmail.com.